



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

JONATA GOMES DA SILVA

**SØREN KIERKEGAARD E BYUNG-CHUL HAN: UM ESTUDO ACERCA DO USO
DAS REDES SOCIAIS COMO TENTATIVA DE FUGA DA ANGÚSTIA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

JONATA GOMES DA SILVA

**SØREN KIERKEGAARD E BYUNG-CHUL HAN: UM ESTUDO ACERCA DO USO
DAS REDES SOCIAIS COMO TENTATIVA DE FUGA DA ANGÚSTIA**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Campos I de Campina Grande, como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em filosofia.

Orientador: Prof. Me. Márcio Correia

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Jonata Gomes da.
Soren Kierkegaard e Byung-Chul Han [manuscrito] : um estudo acerca do uso das redes sociais como tentativa de fuga da angústia / Jonata Gomes da Silva. - 2022.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Márcio Correia dos Santos ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Angústia. 2. Desespero. 3. Exame. 4. Redes sociais. I.

Título

21. ed. CDD 198.4

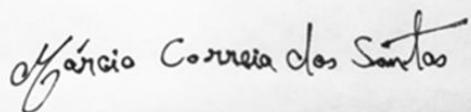
JONATA GOMES DA SILVA

SØREN KIERKEGAARD E BYUNG-CHUL HAN: UM ESTUDO ACERCA DO USO
DAS REDES SOCIAIS COMO TENTATIVA DE FUGA DA ANGÚSTIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de Filosofia
da Universidade Estadual da Paraíba
como requisito parcial à obtenção do título
de Graduado em Filosofia.

Aprovada em: 28 / 11 / 2022.

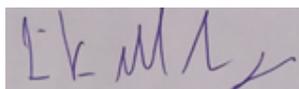
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Márcio Correia dos Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Írio Vieira Coutinho Abreu Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao Rei eterno, ao Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém. **1 Timóteo 1:17**

“A maneira de deixar a vida fácil é torna-la
insignificante.”

Søren Kierkegaard

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	SØREN KIERKEGAARD: O HOMEM DA ANGÚSTIA.	8
2.1	O conceito de angústia	9
2.2	O Desespero	11
3	BYUNG-CHUL HAN: O HOMEM DO ENXAME	12
3.1	A sociedade do enxame	12
4	UMA TENTATIVA MODERNA DE FUGIR DA ANGÚSTIA E DO DESESPERO EM MEIO AO ENXAME DIGITAL.	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19
	AGRDECIMENTOS	19

SØREN KIERKEGAARD E BYUNG-CHUL HAN: UM ESTUDO ACERCA DO USO DAS REDES SOCIAIS COMO TENTATIVA DE FUGA DA ANGÚSTIA.

SØREN KIERKEGAARD E BYUNG-CHUL HAN: A STUDY ABOUT THE USE OF SOCIAL NETWORKS AS NA ATTEMPT TO ESCAPE FROM ANXIETY

Jonata Gomes da Silva¹

RESUMO

O presente artigo aborda a relação do ser humano com seu sentimento de angústia a partir do pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, em sua obra *O conceito de angústia*, para analisar os efeitos desta relação no âmbito social, com base na filosofia do sul-coreano Byung-Chul Han em sua obra *No enxame*. Sendo a angústia um sentimento constitutivo da natureza humana, qualquer esforço na tentativa de extingui-la já estará fadada ao fracasso, ainda assim, na contemporaneidade a internet tem se apresentado para alguns como porta de emergência e fuga dos problemas que angustiam o ser. Os efeitos deste comportamento não se limitam a um contexto pessoal, uma vez que este indivíduo compõe o tecido social, suas ações afetam e transformam de forma significativa as relações humanas. A análise neste estudo tem por finalidade rever a relação do indivíduo com as novas tecnologias de comunicação, uma vez que é fato que vieram pra ficar, da mesma forma, rever o modo como o indivíduo se relaciona com a angústia, um sentimento derivado da capacidade de tornar as possibilidades em realidade, desenvolvendo suas experiências existenciais.

Palavras-Chave: Angústia. Desespero. Enxame. Redes sociais.

ABSTRACT

This article approaches the relationship of the human being with his feeling of anguish from the thought of the Danish philosopher Søren Kierkegaard, in his work *The concept of anguish*, to analyze the effects of this relationship in the social sphere, based on the philosophy of the South Korean Byung-Chul Han in his work *No swarm*. As anguish is a constitutive feeling of human nature, any effort in an attempt to extinguish it will already be doomed to failure, yet in contemporary times the internet has presented itself as a gateway to emergency and escape from the problems that distressed the being. The effects of this behavior are not limited to a personal context, since this individual composes the social fabric, his actions affect and significantly transform human relations. The analysis in this study aims to review the relationship of the individual with the new communication technologies, since it is a fact that they came to stay, in the same way, to review the way the individual relates to anguish,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jonata.gomes@aluno.uepb.edu.br

a feeling derived from the city hood of making the possibilities into reality, development of their existential experiences.

Keywords: Anxiety. Despair. Swarm. Social networks.

INTRODUÇÃO

Em todas as épocas a humanidade sempre teve a necessidade de comunicação, de se relacionar e manter contato com outros grupos, o que fez com que ao longo da história os meios de comunicação evoluíssem ao ponto em que hoje a distância não é mais um fator impeditivo. Com a chegada da internet, a comunicação deixou de ser um elemento social importante e passou a ser algo essencial, sobretudo o compartilhamento de todo tipo de informação por meio das chamadas redes sociais. Para a imensa maioria dos usuários deste conglomerado de redes em escala mundial, o acesso a elas passou a ser uma necessidade constante ao ponto em que testemunhamos um tempo em que a vida virtual e vida real por vezes se confundem e em alguns casos (não tão raros ultimamente) a vida virtual se sobrepõe à vida real. Percebe-se também um efeito paradoxal onde a mesma comunicação que amplia e potencializa os contatos, tem produzido um processo de isolamento social e uma série de efeitos colaterais na saúde emocional da sociedade. Embora a retórica das empresas desenvolvedoras das redes sociais sejam sobre fazer amigos e tornar o mundo mais conectado, alguns usuários tentam fazer deste espaço virtual uma representação de uma vida ideal. Mesmo que sem perceber, muitas pessoas fazem uso desta ferramenta para abrandar ou fugir de sentimentos que lhes inquietam o ser, entre esses, está a angústia e o desespero.

A angústia é um sentimento constitutivo da natureza humana, bem como nos apresenta o pensador dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard em sua obra *“O conceito de angústia”*, a qual assina com o pseudônimo de Virgilius Haufniensis. Nessa obra, iremos analisar o conceito de angústia para, a partir dessa reflexão, pensarmos sobre a influência das mídias digitais no indivíduo ao tenta fugir de sua angústia através de uma vida editada para parecer ideal aos seus “seguidores”, um alento para o seu existir angustiado em um ambiente que lhe permita fugir dos desafios da indefinição que o angustia frente as possibilidades ou, pelo menos, um local onde se possa refazer, mesmo que de forma artificial, as más escolhas que resultam em desespero. Tal ferramenta não só tem se mostrado ineficaz para sanar sua angústia como acabara por aprisioná-lo em um imperativo de felicidade absurdo e, portanto, desesperador, que será fundamental para a formação de indivíduos cada vez mais introvertidos, dispostos a renunciarem valores como liberdade, privacidade e alteridade em troca de atenção para si. Nas redes sociais o mais comum é a busca do indivíduo por atenção para si mesmo, limitando sua capacidade de empatia e seu poder de articulação conjunta, diferente do fenômeno chamado de “massas” ou “massa social” surgida no século XIX, onde os indivíduos concentram-se em um propósito comum somando forças e poder de ação em uma voz uníssona. Embora nas redes haja um aglomerado de pessoas, a falta de propósito comum não produz voz sintetizada com poder de articulação conjunta, mas um barulho mais parecido com um grande exame, tal como ilustra o pensador Sul-coreano Byung-Chul Han em sua obra *“No exame – perspectiva do digital”* a qual num segundo momento nos dará base para analisarmos os efeitos dessa tentativa de construir uma vida livre da angústias e do desespero na esfera do social. Han nos apresenta os efeitos de uma comunicação digital que por um lado nos traz eficiência e comodidade, mas que por outro lado transforma nossa vida e comportamento em sociedade, como por exemplo a falência do respeito como divisor entre a vida pública e a vida privada.

1 SØREN KIERKEGAARD: O HOMEM DA ANGÚSTIA

No dia 5 de maio do ano de 1813 na cidade de Copenhague, capital da Dinamarca, nascia Søren Aabye Kierkegaard. Seu pai Michael Pedersen Kierkegaard ficara viúvo e sem filhos de seu primeiro casamento com Kirstine Røyen que falecera dois anos depois do casamento, vindo a casar-se novamente cerca de um ano depois com a governanta da família Ana Sørensdatter, tiveram sete filhos, dos quais o último foi Søren. Ainda que sua biografia seja muito rica e marcada por problemas pessoais e familiares, em um resumo bastante seletivo podemos destacar quatro acontecimentos marcantes em sua vida, chamados de “terremotos”: a influência de seu pai sobre sua personalidade; o rompimento de seu noivado com Regina Olsen; sua polêmica com o jornal *O Corsário*; e sua polêmica com a igreja oficial da Dinamarca.

Aos 21 anos Søren já havia perdido a mãe e cinco de seus irmãos. Seu pai interpretava todas essas mortes como uma punição divina a um episódio que vivera aos 12 anos de idade quando, ao pastorear algumas ovelhas, faminto e exausto, subiu em uma colina e amaldiçoou a Deus. A realidade parecia confirmar essa interpretação de algum modo e, pelo menos em algum nível Kierkegaard acreditou nela. Pedersen Kierkegaard era um homem melancólico, inteligente, muito rigoroso em sua fé cristã e dedicado aos filhos, em especial ao filho caçula. Essa combinação de características marcaria profundamente a personalidade do jovem Søren que quando adulto relata que o cristianismo na forma que lhe foi apresentado por seu pai parecia-lhe a “crueldade mais desumana”. (ROOS, 2021 p.19).

Aos 24 anos conheceu Regina Olsen, na época uma jovem de 15 anos. Após 13 meses de relacionamento, Søren acreditara ser esse noivado um grande erro, interrompendo-o, deixou Regina arrasada. O término do relacionamento também trouxe a Kierkegaard muito sofrimento, que influenciou muito de suas reflexões em seus livros. Com boa parte de sua obra já escrita, tem início sua polêmica com o jornal *O Corsário*, quando em dezembro de 1845 Peder Møller publica uma resenha ofensiva à obra “*Estádios no caminho da vida*”, chegando a caracterizar Kierkegaard como um velho decrépito e que sua visão da religião era de extremamente covarde. Kierkegaard no mesmo mês publica um tipo de denúncia, ao revelar que Møller escrevia ocultamente para *O Corsário*, o que era um problema, pois o jornal não tinha a melhor das reputações, para Møller que buscava uma posição como professor na Universidade de Copenhague essa ligação não foi bem-vista. Após esse ocorrido Kierkegaard passou a ser perseguido pelo jornal de forma satírica, sendo ridicularizado em caricaturas de mau gosto, passando a ser objeto de escárnio nas ruas de sua cidade. Prontamente toda essa polêmica tornou-se um grande motivador de reflexões para Kierkegaard.

Mas foi nos últimos anos de sua vida entre 1854 e 1855 que Kierkegaard empreendeu um ataque que vinha refletindo e preparando a tempos contra a Igreja Oficial da Dinamarca. Em artigos publicados nos jornais *A Pátria* e em fascículos de *O Instante*, Kierkegaard acusa a igreja de falsificar o cristianismo, de hipocrisia, corrupção etc. O ataque a igreja parece ter consumido o que havia lhe restado de uma saúde que nunca foi forte. Ao sofrer um colapso, foi internado no hospital no dia 2 de outubro de 1855 vindo a falecer no dia 11 de novembro deste mesmo ano.

Embora a filosofia de Kierkegaard tenha influenciado posteriormente grandes pensadores como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, entre outros, ainda em sua época o nome de maior influência no campo filosófico era o do germânico Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Assim, a partir de um pensar sobre si mesmo, Kierkegaard escreverá sobre angústia, desespero, subjetividade, fé, paradoxo, existência, indivíduo etc., unindo em sua maneira peculiar de filosofar experiências e conceitos, descobrindo elementos universais da existência humana, tornando-se, assim, pai do existencialismo².

1.1 O conceito de angústia

É possível não ser si mesmo? É possível estar desarticulado consigo mesmo? A resposta a essas perguntas é tema central da obra “*O conceito de angústia*” do pensador dinamarquês Søren Kierkegaard ou Virgilius Haufniensis, pseudônimo com o qual assina referida obra. A palavra *angústia*, em seu sentido mais amplo quer dizer estreiteza, redução de espaço ou de tempo; carência ou falta. É uma sensação difusa, uma percepção psicológica que afeta o indivíduo em seu estado emocional e físico, produzindo perda de paz interior, dor, insegurança, culpa, mal-estar e tristeza, chegando ao limite da perda de interesse no cumprimento de tarefas do cotidiano e isolamento. Diferente do medo que se origina diante de alguma forma de ameaça, a angústia não é marcada por nenhum objeto particular, é um sentimento que não tem origens externas, mas exclusivamente interna, é uma disposição especial do nosso ânimo, como Kierkegaard bem faz questão de chamar a nossa atenção:

O conceito de angústia não é tratado quase nunca na psicologia, e, portanto, tenho de chamar a atenção sobre sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado, enquanto que a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. (KIERKEGAARD, 2015, p.45).

Kierkegaard tem um interesse profundo sobre o tema da angústia, trazendo-a para o centro da discursão filosófica como objeto problematizador da filosofia, sobretudo para o que viria a ser considerado como a corrente existencialista, da qual é tido como o precursor. Para Kierkegaard o ser humano é uma síntese de finitude e infinitude, do que é temporal e do que é eterno, da liberdade e da necessidade, ou seja, ainda que viva sob regulamentos da finitude, é portador de sonhos, esperanças, projeções para o futuro. Porém, ao nascer, o ser humano ainda não é indivíduo, completo em essência. Desde o nascer e durante sua fase de inocência, (que para Kierkegaard é um estado de ignorância, como veremos adiante), o ser humano não está determinado como espírito, mas traz em si a potencialidade de tornar-se espírito determinado, ou para usar uma expressão do próprio Kierkegaard, “o espírito esta como que sonhando” (KIERKEGAARD, 2015, p.45). O que o eleva à condição de indivíduo é a construção do si mesmo por meio das escolhas feitas diante das possibilidades que surgem na vida, são estas escolhas que efetivam as sínteses que constitui o espírito. É nessa síntese de elementos opostos que o ser humano experimenta a capacidade de tornar-se diferente do que se é, ou seja, a possibilidade de realizar mudanças existenciais. Porém, quando se encontra diante de uma escolha que afeta sua existência, prevendo que está próximo de se tornar diferente do que se é, ao perceber que não sabe exatamente qual será o resultado desta mudança, pois a marca da sua existência é a incerteza, é aí então que é assaltado pela angústia. É essa sensação de indefinição e imprecisão diante de uma nova possibilidade que Kierkegaard nomeará de *angústia* ou como escreve em seu livro “A angústia é uma antipatia simpática e uma

² Sobre o existencialismo, Abbagnano define: “Costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência.” (ABBAGNANO, 2007, p. 402).

simpatia antipática” (Kierkegaard, 2015, p.45). Em resumo, o que angustia o indivíduo é a possibilidade da liberdade.

Para Kierkegaard angústia é um sentimento que faz parte da essência humana, ou seja, é constitutivo do que é ser humano, e isto pode ser averiguado desde os primeiros momentos da vida, já na infância, onde o ser humano encontra-se em um estado de inocência ou de ignorância, como afirma logo no início do quinto parágrafo:

A inocência é ignorância. Na inocência, o ser humano não está determinado como espírito, mas determinado psicicamente em unidade imediata com sua naturalidade. O espírito está sonhando no homem. (KIERKEGAARD, 2015, p.44).

Esse estado de inocência ou ignorância não se trata de um estorvo ou um impeditivo, muito longe disso, é um estado onde há paz e repouso, onde há ausência de conflitos internos, pois na infância o ser humano ainda não é capaz de discernir a diferença entre bem e mal, no qual esse estado de inocência será perdido da única maneira que se pode perdê-la, que é através da culpa, como assim afirma: “Portanto, como Adão perdeu a inocência pela culpa, assim a perde todo e qualquer homem.” (Kierkegaard, 2010, p.38). Esse estado de inocência finda quando o indivíduo passa a ter a capacidade de diferenciar entre o bem e o mal. Para Kierkegaard este estado de inocência é também, em segredo, *angústia*, como nos revela o pensador:

Neste estado há paz e repulso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada pelo que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer a angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia (KIERKEGAARD, 2015, p.44).

Kierkegaard faz uso da narrativa da criação e da queda do homem no livro de Gênesis para afirmar a angústia como elemento constitutivo do ser humano, pois quando Adão e Eva são advertidos por Deus para não tocarem nem comerem do fruto do conhecimento do bem e do mal³, encontram-se diante da possibilidade da liberdade. Com a proibição vem a percepção da possibilidade de escolher obedecer ou desobedecer. A proibição desperta-lhe a angústia, como reitera Kierkegaard:

A proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade. O que tinha passado despercebido pela inocência como nada da angústia, agora se introduz nele mesmo, e aqui de novo é um nada: a angustiante possibilidade de *ser-capaz-de*. Ele não tem nenhuma ideia do que é que ela seria capaz de fazer, pois de outro modo se pressupõe, certamente – como em geral sucede – o que só vem depois, a distinção entre bem e mal. Existe apenas a possibilidade de ser capaz, enquanto uma forma superior da ignorância e enquanto uma forma superior da angústia, por que esta capacidade, num sentido superior, é e não é, porque num sentido superior ele a ama e foge dela (KIERKEGAARD, 2015, p.48).

Assim, ao tomar suas decisões, fazendo suas escolhas, enfrentando suas angústias, o indivíduo desenvolve suas experiências existenciais que o torna tanto mais indivíduo. Para Kierkegaard o ser humano é um ser capaz de tornar a possibilidade em realidade: “A possibilidade consiste em ser-capaz-de. Em um sistema lógico, é bem fácil dizer que a possibilidade passa para a realidade.” (KIERKEGAARD, 2015, p. 53)

Porém essa condição humana em ter que tomar decisões sobre o viver, sem ter absoluta certeza se as escolhas feitas naquele dado momento são as mais assertivas, assombram o ser pela possibilidade de cair em total desespero, termo que Kierkegaard

³ Relato registrado no livro bíblico do Gênesis, capítulo 2 versículos 16 e 17.

usou para descrever quando nos relacionamos mal com nossa angústia e nos agarramos a um dos polos da síntese que nos constitui, em oposição a outro.

1.2 O Desespero

Em sua obra "*Doença para a morte*" a qual Kierkegaard assina com o pseudônimo de Anti-Climacus, o pensador trata o papel do desespero em sua filosofia. Assim como a angústia é constitutiva da existência humana, o desespero é algo que distingue o ser humano dos demais animais, apenas o homem estar suscetível a desesperar-se. Se no *Conceito de Angústia* nos é apresentado o indivíduo como uma síntese do conflito constante entre o corpo e a alma, finitude e infinitude, do que é temporal e do que é eterno, onde o homem experimenta a angústia por estar diante da sua liberdade, escolhendo como dirigir sua vida sem garantia de plenitude, já na mencionada obra, o desespero é a discordância dessa síntese, ou seja, quando em sua liberdade o indivíduo faz más escolhas causando uma relação desarmoniosa consigo mesmo. O desespero é responsável por denunciar de que forma o indivíduo tem executado suas escolhas, revelando o nível de inautenticidade do ser, ou em outros termos, o desespero pode ser tido como resultado da livre escolha que foi mal efetivada gerando no indivíduo insatisfação, não aceitando-se como se é, ou por não ser o que almeja ou por não querer ser si mesmo, mas outrem. O autor afirma:

O desespero é a discordância interna numa síntese cuja relação diz respeito a si própria. Mas a síntese não é a discordância, é apenas a sua possibilidade, ou então implica-a. De contrário não haveria sombra de desespero, e desesperar não seria mais do que uma característica humana, inerente à nossa natureza, ou seja, que o desespero não existiria, sendo apenas um acidente para o homem, um sofrimento como uma doença em que se soçobrasse, ou, como a morte, nosso comum destino. O desespero está, portanto, em nós; mas se não fôssemos uma síntese, não poderíamos desesperar, e tampouco o poderíamos se esta síntese não tivesse recebido de Deus, ao nascer, a sua firmeza. (KIERKEGAARD, 1979, p.322).

Como já antes mencionado, para Kierkegaard o homem é ao menos possibilidade de síntese. Essas sínteses não estão prontas e relacionadas entre si. Para Kierkegaard o que há é discórdia entre os termos, ausência de harmonia que faz com que o homem viva de maneira incorreta e experimente a morte em vida. Tanto os indivíduos que vivem de maneira sensual ou regrada estão em maior ou em menor nível de dominação pelo desespero. Isso se dá pelo fato de que o homem tenta negar que possui um Eu, pois para Kierkegaard:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida. (KIERKEGAARD, 1979, pag. 318)

"O homem é espírito", define o pensador, mas este espírito que é o Eu não se encontra pronto, o homem torna-se espírito por via de uma procura que lhe gera custo e enfado, pois para acordar o seu Eu, ele deve assumir seu desespero, dar-se conta de que está mortalmente doente. Só assim poderá relacionar-se com a angústia.

Assim como a angústia, o desespero é uma categoria imanente ao ser humano podendo se manifestar em maior ou menor intensidade, e de três maneiras. A primeira delas é a pior e a mais comum de todas, seria a inconsciência de estar consumido pelo

desespero, nessa forma o indivíduo não exercita sua existência, vivendo de forma acomodada. A segunda seria ter a consciência de estar desesperado e o negá-lo, e já nessa forma, não se percebe que está vivendo de maneira incorreta e que está mortalmente doente, porém foge do seu desespero buscando distrações e diversões em seu viver. A terceira é a vontade de ser um eu, assumindo o desespero. Para Kierkegaard esta é superior, onde o homem possui enorme consciência de sua situação, porém não recua, antes encara seu desespero, por mais intenso e vivaz que ele seja, o desejo de libertar seu Eu será tanto maior.

2 BYUNG-CHUL HAN: O HOMEM DO ENXAME.

Byung-Chul Han nasceu em Seul no ano de 1959, se formou em metalurgia na Universidade da Coreia, mas nos anos 80, omitindo de seus pais a verdadeira intenção de sua ida para Europa para estudar literatura, migrou para a Alemanha, onde vive a mais de 30 anos na cidade de Berlim. Ao chegar na Alemanha Chul Han passou por sérias privações financeiras, comprometendo, inclusive, sua alimentação. Encontrou dificuldades no estudo de literatura devido a sua limitação com o idioma (lia demasiadamente lento) e terminou optando por estudar filosofia, sendo aceito alguns meses depois na Universidade de Friburgo. Contudo, não desistiu da literatura, vindo a se formar logo após, e assim também se formou em teologia, ambas na Universidade de Munique. Em 1994 completou seu doutorado com uma tese sobre Martin Heidegger. Atualmente, naturalizado alemão, é professor de filosofia e estudos culturais na Universidade de Berlim, onde dirige um programa de estudos gerais.

Han tem se dedicado a analisar as estruturas das sociedades do século XXI e as diversas dimensões da vida humana. Sua filosofia atravessa várias áreas do conhecimento, desde a filosofia antiga, a psicanálise, análise das mídias, estética, espiritualidade etc. Sua abordagem contemporânea é notória por trazer à tona as calamidades que alcançam a subjetividade humana na atualidade, um retrato dos tempos atuais que contradiz os que acreditam viver em um sistema livre, quando, na realidade, são constantemente conduzidos por ele.

Como resultado de uma repercussão global Han tem mais de uma dúzia de livros publicados, com tradução em diversos idiomas. Han traz a imagem de uma sociedade cada vez mais dominada pelo narcisismo e pela autorreferência, acarretando o desaparecimento da capacidade de perceber o outro, o não eu, com as pessoas passando a agir em torno de si mesmas, presas em seus próprios mundos, incapazes de construir relacionamentos. Em sua obra *No enxame: perspectiva do digital* (2018), Han faz uma reflexão específica sobre o contexto digital contemporâneo.

2.1 A sociedade do enxame.

O indivíduo é a célula que compõe o corpo da sociedade, e por isso o ethos social é moldado e sofre influência direta dos costumes e traços adotados pela maioria dos indivíduos. Em tempos em que pessoas fazem uso da vida virtual para tamponar aspectos negativos de sua vida real, como fugir de suas angústias e contornar seu estado de desespero, o meio social será diretamente impactado não apenas no comportamento, mas também na sua percepção, sensação e na forma de pensar a vida em conjunto.

O pensador Byung-Chul Han traz em sua obra uma reflexão sobre as interações dos indivíduos mediadas pelos meios digitais e o efeito disso na vida em sociedade. Para Han a proximidade promovida pelas redes sociais tem como consequência a erosão da distância mental entre os indivíduos, que resulta em uma perda generalizada de respeito e desgaste

das ideias de veneração e admiração. O respeito se dá no controle do olhar curioso sobre a vida do outro, é na distância do Eu e do Outro que se dá a fronteira entre o privado e o público. O autor nos diz:

No trato respeitoso com os outros, controlamos nosso observar curioso. O respeito pressupõe um olhar distanciado, um pathos da distância. Hoje, ele dá lugar a um ver sem distância, característico do espetáculo. O verbo latino *spectare*, ao qual espetáculo remonta, é um olhar voyeurístico, ao qual falta a consideração distanciada, o respeito (*respctare*). A distância distingue o *respctare* do *spectare*. Uma sociedade sem respeito, sem o pathos da distância, leva à sociedade do escândalo. (HAN, 2018, p.11)

É cada vez mais natural para o sujeito expor em suas redes sociais (para todo o mundo) onde está, o que está comendo, o que está fazendo e com quem, seu estado emocional e, não o bastante, essas situações são fotografadas e igualmente expostas ao público. O indivíduo passa assim a ser uma imagem, um objeto das redes, passivo de escrutínio público podendo ser avaliado, comentado, julgado e até xingado caso não agrade aqueles que não o enxergam como pessoa, mas como produto das redes sociais. Tudo isso enfraquece a fronteira entre o privado e o público, causando uma mistura, como expõe Han logo no primeiro capítulo:

A tomada de distância é constitutiva para o espaço público. Hoje, em contrapartida, domina uma falta total de distância, na qual a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público (...) A falta de distância leva a que o privado e o Público se misturem. A comunicação digital fornece essa exposição pornográfica da intimidade e da esfera privada. Também as redes sociais se mostram como espaços de exposição do privado. (CHUL HAN, 2018, p. 12-13).

Nos estudos de Chul Han o respeito também está ligado aos nomes, anonimato e respeito se excluem mutuamente no sentido de que a comunicação digital anônima é corresponsável pela cultura da indiscrição, pois mesmo que o sujeito das redes sociais tenha nome não implica dizer que seja verdadeiro e ainda que verdadeiro é um entre tantos.

O nome é a base para o reconhecimento, que sempre ocorre de modo nominal. Também estão ligados à nominalidade práticas como a responsabilidade, a confiança ou a promessa. Pode-se definir a confiança como uma crença nos nomes. A responsabilidade e a promessa também são um ato nominal. A mídia digital que separa a mensagem do mensageiro, o recado do remetente, aniquila o nome. (HAN, 2018, p. 14 -15).

O anonimato vai na contramão da forma como os relacionamos se dão em sociedade, afinal, todo reconhecimento social é nominal, nos relacionamos, confiamos, reagimos, conhecemos e identificamos o que não conhecemos pelos nomes. Quando no digital pode-se interagir com outros com a identificação protegida, a noção de distância diminui ainda mais contribuindo para um comportamento verbalmente violento, ao qual Han chama de *Shitstorms*.⁴ Outra característica típica da comunicação digital apontada por Han que contribui para a violência verbal é a sua imediaticidade, que possibilita uma descarga de afetos instantânea, bem diferente de quando se escreve manualmente ou em máquinas

⁴ *Shitstorm*, traduzido tipicamente como “tempestade de indignação”, mas que literalmente significa “tempestade de merda”, é o termo usado para descrever campanhas difamatórias de grandes proporções na internet contra pessoas ou empresas, feitas devido à indignação generalizada com alguma atitude, declaração ou alguma outra forma de ação tomada por parte delas. Originalmente o termo em inglês é apenas um difemismo vulgar para uma situação extremamente desagradável ou caótica.

de escrever, como em tempos anteriores, onde pelo tempo de produção dava-se a chance de a exaltação furiosa dissipar-se no exercício da escrita.

Seja observando a vida exposta do outro ou expondo a sua própria vida, anulando a diferença entre o privado e público, fazendo uso de uma comunicação imediata para dar vazão a sua indignação, o indivíduo tem assim construído um novo modelo de comportamento social ao qual Han chama de *enxame*, fazendo uma distinção em relação à massa.

Claramente, encontramos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o enxame digital. Ela apresenta propriedades que a distinguem radicalmente da clássica formação dos muitos, a saber, da massa. (HAN, 2018, p. 26).

A segunda revolução industrial no século XIX teve como consequência um fenômeno social, onde a soberania que estava sobre um indivíduo ou sobre um estado ruiu, dando espaço para a voz do povo. O surgimento dos sindicatos é exemplo dessa mudança de poder. A este fenômeno o antropólogo francês Gustave Le Bon (1841—1931) em sua obra “Psicologia das multidões” (LE BON, 1980), o chamou de *massa*. A massa possui uma alma, ou seja, um objetivo comum, os indivíduos marcham unidos na direção de um propósito comum. Na massa há uma fundição dos indivíduos em uma unidade fechada e homogênea, o ser da massa tem sua individualidade reduzida, não sendo sequer um anônimo, pois precisaria ser um alguém para escolher proteger sua identidade, a massa, no entanto, é composta por um amontoado de ninguém, sem perfil próprio ou identificação, todos agindo em função de um mesmo objetivo, e é isso o que lhes dá uma voz uníssona.

Para Han a ideia de massa perde o sentido na perspectiva do digital, tornando-se mais parecida com um *enxame*. Afinal nas redes o que há é um enorme barulho de múltiplas vozes em uma relação em que se é ao mesmo tempo remetente e destinatário, como aponta, “Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos.” (HAN, 2018, p. 36). A mídia digital mudou a relação do indivíduo com os meios de comunicação “a mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos” (idem) No *enxame* as pessoas não tem uma alma, ou seja, não tem objetivo comum, ela é composta de indivíduos que competem por atenção para si, com agendas próprias e descentralizadas e por isso não desenvolve nenhum nós coerente. Não se externa como uma voz, mas como um barulho, como observa Han:

O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estrutura de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum perfil próprio. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum Nós. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. Também fala ao *shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como barulho. (CHUL HAN, 2018, p. 27).

Neste sentido o caráter efêmero deste barulho não tem força para produzir ações políticas com capacidade de gerar mudanças significativas e concretas. Existe uma

capacidade de usar a humilhação como forma de controle social, o *shitstorme* é o maior exemplo. São capazes de humilhar, envergonhar e cancelar indivíduos, mas não tem força ou voz para questionar o sistema de poder como um todo.

3 UMA TENTATIVA MODERNA DE FUGIR DA ANGÚSTIA E DO DESESPERO EM MEIO AO ENXAME DIGITAL.

Quando Søren Aabye Kierkegaard, no agora longínquo século XIX, desenvolve sua filosofia que coloca o homem diante da escolha de continuar mergulhado em ilusões ou escolher viver de forma autêntica seu eu, não poderia imaginar que quase duzentos anos depois o ser humano desenvolveria meios tecnológicos para fugir (ou pelo menos tentar) de suas angústias em uma vida 'editada' onde lhe possibilitaria maquiagem as más escolhas para terem aparência de perfeita síntese, de uma vida ausente de monotonia, frustrações, livre dos aspectos negativos ou de possíveis resultados desagradáveis, sem resquícios de desespero.

O cientista da computação norte americano Jaron Lanier, um precursor no desenvolvimento da realidade virtual, em seu livro "*Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*" (2018), expõe que com o uso de técnicas behavioristas⁵ as redes sociais anulam nossa liberdade modificando e manipulam nosso comportamento e escolhas, "Estamos sendo hipnotizados pouco a pouco por técnicos que não podemos ver, para propósitos que não conhecemos. Agora somos todos animais de laboratório." (LANIER, 2018 p. 13).

Não se trata de negar nem muito menos abdicar dos benefícios que se tem com a internet. Criada nos Estados Unidos no ano de 1969 para fins acadêmicos, tanto evoluiu que é praticamente impossível pensar no mundo atual funcionando sem sua presença. A internet hoje serve quase que para tudo, desde e-commerce, comunicação, inúmeros tipos de entretenimento e aquilo que pode ser citado como sua marca maior: o compartilhamento de informação. Juntamente com todos esses benefícios, vieram os crimes virtuais, a crise de alteridade como resultado de uma vida online sem interação social real e sobretudo, a manipulação e modificação do comportamento humano

Quando o indivíduo está conectado à internet (nas redes sociais) passa a ser monitorado, rastreado e avaliado constantemente, recebendo em todo o tempo um *feedback* artificial. Esse trabalho é feito pelos algoritmos que são um conjunto de funções que tem como finalidade aprimorar e facilitar o uso das redes, mas não só isso, também são capazes de influenciar na ação do indivíduo. O principal meio que gera renda para as redes sociais, são as modificações do comportamento e para que essas modificações ocorram com maior eficácia, as redes sociais trabalham para ter cada vez um número maior de pessoas engajadas. Embora não consigam obter qualquer resultado que desejarem, os algoritmos são capazes de induzir compras de marcas e produtos específicos, provocar mudanças de gostos e hábitos, aceitação de novos comportamentos sociais, de trazer o irrelevante para *status* de importante e até podem influenciar no rumo de um país. Tudo isso é possível graças uma mega coleta de dados de cada indivíduo conectado as redes. Esses dados que possuem a capacidade de mudar comportamentos são o verdadeiro produto vendido para os anunciantes, que são os verdadeiros clientes. Jaron Lanier adverte

⁵ Sobre o behaviorismo Abbagno define: "É uma corrente da psicologia contemporânea que tende a restringir a psicologia ao estudo do comportamento, eliminando qualquer referência à "consciência", ao "espírito" e, em geral, ao que não pode ser observado e descrito em termos objetivos" (ABBAGNO, 2007 p.116).

ainda que essa prática gera danos à sociedade, pois faz uso de técnicas metódicas, que tanto podem ser usadas para tratar vícios, quanto também para criá-los. Sobre tal prática ele diz:

Os danos à sociedade ocorrem porque os vícios enlouquecem as pessoas. O viciado vai perdendo gradualmente o contato com o mundo e as pessoas reais. Quando muitos estão viciados em esquemas manipuladores o mundo fica obscuro e louco. (LANIER, 2018 p. 20).

O vício em redes sociais já é tema bastante abordado e pesquisado por estudiosos da área⁶. Os efeitos do uso excessivo e abusivo das redes sociais vão bem além do vício. Sentimentos como tristeza, inveja, solidão e insatisfação para com a vida, acumulam-se causando problemas psicológicos como excesso de estresse, ansiedade e depressão.

Deste modo, se considerarmos que a filosofia de Kierkegaard nos apresenta a angústia como a possibilidade da liberdade, que forma e transforma o indivíduo na síntese de finitude e infinitude, que é na possibilidade da liberdade onde o homem encontra-se com todas as suas potencialidades e faltas, podemos pensar a filosofia de Kierkegaard para realizar um estudo acerca do uso das redes sociais como tentativa de fuga da angústia. Assim, compreenderemos que as redes sociais, ou pelo menos o mau uso desta ferramenta, restringe o ser humano no desenvolvimento de suas potencialidades. Quando o indivíduo constrói para si uma vida virtual onde o seu verdadeiro Eu é substituído por um personagem irreal que se distancia de quaisquer semelhança com quem ele é de fato, uma das possíveis consequências é a perda da razão e da possibilidade de ser capaz de várias coisas. Nessa tentativa de fuga moderna da angústia o indivíduo é atraído e cai em uma armadilha de prazeres viciantes controlados por algoritmos.

O mesmo acontece na relação do indivíduo com o que Kierkegaard chama de *doença para morte*, o desespero humano. Assim como a angústia, o desespero é essencial para a existência humana, pois como já dito, é o desespero que denuncia o modo como o indivíduo conduz a sua vida e executa suas escolhas, revelando o grau de falsidade do ser. Para Kierkegaard o ser busca fugir do desespero e, em um contexto moderno, é possível que isso aconteça na projeção de uma vida virtual, onde edita falsamente uma imagem de um ser livre de desespero, imune à doença para morte, mas, como ele afirma, em algum nível todas as pessoas estão em desespero:

Se uma pessoa, cuja saúde ele constatou em dado momento, cai depois doente, o médico tem o direito de dizer que estava são e que está agora doente. O mesmo não sucede com o desespero. A sua aparição mostra já a sua preexistência. Conseqüentemente nunca nos podemos pronunciar sobre alguém, quando não se salvou por ter desesperado. (KIERKEGAARD, 1979, pag. 331)

Porém, ao tentar fugir do seu desespero por um viver irreal, o indivíduo fica preso nas duas primeiras possibilidades pelas quais o desespero se expressa no pensamento do filósofo. Sendo que, em um primeiro momento, podemos entender que o desespero se expressa no indivíduo quando passa a viver de forma acomodada, sem desassociar a vida virtual da vida real. O personagem que se cria nas redes sociais tem mais destaque que

⁶ Para um estudo mais aprofundado sobre esse tema, indicamos as obras “A era do capitalismo de vigilância”(2021), da psicóloga social Shoshana Zuboff; “Nação dopamina” (2022), da Dra. Anna Lembke, professora de Psiquiatria e Medicina de Adicção na Universidade Stanford; e “A fábrica de cretinos digitais”(2021), de Dr. Michel Desmurget, neurocientista e diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde da França, em que propõe a primeira síntese de vários estudos que confirmaram os perigos reais das telas e nos alerta para as graves consequências de continuarmos a promover sem senso crítico o uso dessas tecnologias.

sua verdadeira personalidade, para ele o parecer é mais importante que o ser: acomodado, vive inconsciente de estar sendo consumido pelo desespero. Em uma segunda possibilidade o indivíduo, embora perceba que há algo de errado na forma em que vive, que há uma desconexão do seu Eu virtual como o seu verdadeiro Eu, sente que há um desperdício de sua existência por não dar merecida importância à passagem do tempo, mas apesar disso, seja por vício ou por dependência, não consegue abandonar a superficialidade para mergulhar no seu interior, renunciando o confronto com o seu desespero, partindo em busca de distrações e diversões para esquecer do seu estado. É pouco provável que ambos cheguem na terceira forma de expressão do desespero, onde o indivíduo tem consciência de estar desesperado e o enfrenta no desejo de ser um Eu. Por mais intenso e ativo que seja seu desespero ele o encara frente a frente, pois é consciente que só com coragem transformará sua existência e libertará seu Eu.

As redes sociais potencializam um contexto de intensa promoção e disputa de egos, o que a torna em um terreno fértil para o florescer do desespero, embora Kierkegaard entenda que em algum nível todas as pessoas estão em desespero, como já mencionado.

Para ele o desespero não é algo necessário nem ontológico, como poderia parecer à primeira vista, por isso sua proposta em torno do desespero tem como objetivo sua superação na construção do si-mesmo, do autêntico eu, ou seja, a solução apresentada pelo pensador dinamarquês só se dá pelo enfrentamento do modo como cada um efetivou e efetiva as relações da síntese. Quando não se norteia corretamente a razão do seu desespero, este permanece latente, ainda que seja possível ao desesperado aparentar tranquilidade, em uma vida bem-sucedida e organizada.

É comum a ideia de que o desespero é um sentimento que se expressa em raiva, fúria, cólera, desesperança, desânimo etc., entretanto o desespero pode assumir variadas formas, inclusive naquilo que nos possa parecer seu oposto. Nos afirma Kierkegaard:

O desespero não é apenas uma dialética outra que uma doença, mas até os seus sintomas todos são dialéticos e é por isso que o vulgo corre o risco de se enganar quando considera alguém como sendo, ou não, um desesperado. Não o ser pode, com efeito, significar: que se é, ou ainda: que tendo-o sido, se está salvo dele. Estar confiado e calmo pode significar que o somos: esta calma, esta segurança podem ser desespero. A ausência de desespero não equivale à ausência dum mal; porque não estar doente não significa que o sejamos, mas não estar desesperado pode ser o próprio indício de que o somos. Nada portanto de idêntica à doença, na qual o malestar é a própria doença. Nenhuma analogia. Aqui o próprio malestar é dialético. Nunca o ter sentido, eis precisamente o desespero. (KIERKEGAARD, 1979, p.331).

Entretanto, uma pessoa poderá ter uma vida tranquila, rotineira e monótona, que poderá significar, por exemplo, que o tal negou a infinitude que a constitui e fixou-se na finitude, instaurando o desespero. Porém é também possível que ela tenha realizado adequadamente a síntese e assim vive na finitude a partir de uma relação bem-estabelecida com a infinitude. Sendo a proposta de Kierkegaard para superar o desespero que caberá a cada um analisar sua própria situação. O nível de consciência que o indivíduo tem do próprio desespero é fundamental para a possibilidade de sua superação, ou como já dito, é necessário um enfrentamento do modo como cada um efetivou e efetiva as relações da síntese, uma vez que ninguém poderá afirmar nada sobre a realização da síntese de uma outra pessoa. No entanto, reitero que é notório no comportamento de uma parte dos usuários de redes sociais a comparação de si com o outro, e aqui mais uma vez as redes sociais, ou pelo menos o mau uso desta ferramenta, restringe o ser humano no desenvolvimento de suas potencialidades, neste caso o da superação do desespero.

Jaron Lanier também alerta para o poder que as redes sociais têm de destruir nossa capacidade de empatia. Os indivíduos dependem fundamentalmente da percepção social,

que sempre fez parte do modo como a humanidade sobreviveu. A atenção às reações uns dos outros influenciam nossas atitudes, se todos a nossa volta estão nervosos com algo tendemos a ficarmos também nervosos, da mesma forma se outros indivíduos estão tranquilos tendemos a ficar relaxados. As redes sociais privam desta interação, pois cada pessoa em rede tem um mundo próprio manipulado por algoritmos diferentes uns dos outros, o que torna a troca de sinais sem sentido. Ele explica com o seguinte exemplo:

Se você compartilha um espaço com indivíduos que não estão olhando para seus smartphone, todos estão juntos. Todos têm uma base comum de experiências. Isso pode ser uma sensação incrível, e é um grande motivo pelo qual as pessoas vão a casas noturnas, eventos esportivos e a espaços de oração. Mas quando todos estão o celular, você não tem qualquer noção do que está acontecendo com eles. As experiências deles são selecionadas por algoritmos distantes. Você e eles não podem desenvolver em paz suas características em comum, a menos que os que os celulares sejam deixados de lado. (LANIER, 2018 p. 20).

Em nome de uma comunicação digital eficiente e cômoda, renunciamos a interação direta e real com pessoas. A mídia digital impossibilita a que se desenvolva a percepção social que é resultado da empatia. Han alerta para as perdas produzidas pela falta das interações diretas e reais.

A parcela verbal da comunicação é muito pequena. As formas não verbais de expressão como gesticulação, expressões do rosto ou linguagem corporal constituem a comunicação humana. Elas lhe concedem a sua tatilidade. Com tátil não se quer dizer o contato corporal, mas sim a pluridimensionalidade e multiplicidades de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos. A mídia digital furta à comunicação a tatilidade e a corporeidade. (HAN, 2018, p. 44).

Portanto, ao tentar fugir de suas angustias e do enfrentamento do seu estado de desespero, na produção de uma vida virtual, onde se apresenta uma versão otimizada do EU, o ser humano apenas impossibilitara a criação de relações autênticas. Quando um número significativo de indivíduos faz uso das redes sociais para tamponar suas angústias e seu desespero, tem como resultado uma sociedade vazia de alteridade e empatia, que desconhece o poder das manifestações em massa, limitando à apenas um barulho de vozes que arrogam para si atenção, como em um enxame.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da internet vem produzindo mudanças em nossos hábitos e influenciado em nosso cotidiano. Quando no final da década de 60 a internet surgia talvez não se imaginasse o quão cada vez mais ficaríamos dependentes das redes sociais, ao ponto de termos que repensarmos nossa postura perante este processo de comunicação que se tornou essencial para o nosso dia a dia, gerando uma transformação social. Porém, algumas preocupações têm surgido devido ao mau uso das redes sociais, como estar conectado todo o tempo e cada vez mais isolado de interações reais, o que acaba trazendo forte impacto na vida do indivíduo como prejuízos funcionais e emocionais. Neste cenário a filosofia se mostra como uma ciência viva e atual, uma pertinente ferramenta para repensarmos nossa relação com essa tecnologia de comunicação. E foi no que se empenhou este estudo ao fazer uso das reflexões de um pensador que viveu no século XIX e que nos apresenta uma visão do ser humano que em suas possibilidades é capaz de fazer escolhas que constroem o seu ser. Kierkegaard nos mostra a angústia como uma experiência da liberdade, alicerçada e comprovada em algo que perpassa o que é visível,

contrastando com a vida editada em redes sociais que comumente tenta obstruir a angústia do ser com imagem perfeita de uma felicidade constante cada vez mais afastada da realidade. Também buscamos no pensador da atualidade Byung-Chul Han conhecer os efeitos destas mudanças de hábitos nas interações entre sujeitos, mediadas pelos ambientes digitais. O pensador sul-coreano nos faz refletir o quanto pode ser nocivo aos meios sociais quando o indivíduo perde a capacidade de alteridade, de união com outros indivíduos em busca de um propósito comum, substituindo a massa uníssona, por um amontoado de gente em um espaço digital chamando a atenção para si, sem voz única, mas fazendo muito barulho como em um enxame. Portanto, concluímos, nesse estudo, a possibilidade de utilizarmos o conceito de angústia apresentado por Kierkegaard, aliado aos estudos de Han, para ajudar-nos a compreender as atitudes e os comportamentos modernos face ao uso das redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**. Tradução de Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **A Doença para morte**. Tradução Adolfo Casais Monteiro. P. 311 a 446 da coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar a gora suas redes sociais**. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ROOS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

AGRADECIMENTOS

Quando em meados de 2017 ao ingressar na Universidade Estadual da Paraíba para cursar Licenciatura em Filosofia, as expectativas eram muitas, assim como os desafios, tais como morar em outro estado e ter que viajar todos os dias por quase duas horas; pagar um valor pelo transporte que muitas vezes só foi possível com ajuda de pessoas que me apoiaram, entre outros. Não posso negar que houve momentos em que o desânimo quase me parou e nesses momentos o incentivo da minha esposa foi essencial. Após cinco anos me encontro numa ansiedade incomensurável, não apenas para atingir o título de Graduado em Filosofia, mas para alçar voo rumo a novos ares, no entanto, ainda desconhecidos.

Desde que entrei na UEPB tenho me deparado cotidianamente com pessoas que, sem elas, provavelmente minha formação não teria sido tão agradável como foi. Aprendi muito através dos amigos que ganhei no decorrer desses cinco anos de graduação, alguns desses ensinamentos tenho certeza de que levarei até o fim dos meus dias. Por isso, quero deixar claro minha total gratidão, primeiramente ao meu orientador, o professor Márcio

Correia, por ser esse professor excelente, dedicado, gentil e que não só orientou como muito me motivou em toda produção deste trabalho. Serei sempre grato. Gostaria de agradecer também aos professores e professoras que me acompanharam no decorrer do curso, a excelência com que ministraram as aulas não só ensinaram, mas também fez crescer meu gosto pela filosofia.

Agradeço e dedico este trabalho a minha família, minha esposa Josilene e meus filhos Jônata Jr. e João Guilherme, que muitas vezes tiveram de ter paciência quando precisei me ausentar para me dedicar um tanto mais ao curso, mas que sempre foram minha principal motivação. Aos meus pais Ivanildo Gomes e Raquel Maria, que desde sempre foram presentes, cuidadosos e atenciosos, vocês são minhas referências de vida. Às minhas quatro irmãs, Sara, Natalia, Cinthia e Rafaela, esta por se mostrar muitas vezes mais empolgada que eu mesmo. E por fim, à minha igreja que é a extensão da minha família, onde forjei meu caráter e aprendi sobre o que mais importa.